

VERSION PRELIMINAR

SECCIÓN: Informes y avances de investigación



Ane ku mene

Historicidade e temas emergentes nas investigações sobre trabalhos de campo na geografia

Historicidad y temas emergentes en las investigaciones sobre trabajos de campo en geografía

Historicity and emergent issues in investigations on geography field research

Domitila Theil Radtke¹

Eliana Marta Barbosa de Morais²

Resumo

Este artigo resulta da pesquisa de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG) por Radtke (2022) e de reflexões resultantes da pesquisa de pós-doutorado desenvolvida na Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación (UMCE), em Santiago/Chile, por Morais entre 2023 e 2024. A temática central de ambas as investigações foi o trabalho de campo, concebido como metodologia de ensino e de pesquisa na Geografia. Para sua construção foi necessário, inicialmente, aprofundar os conhecimentos acerca da historicidade dos trabalhos de campo, situando-os antes e após a sistematização da ciência geográfica, com o intuito de evidenciarmos suas finalidades de acordo com diferentes contextos e momentos da história. Isso nos permitiu compreender os desdobramentos dos trabalhos de campo na atualidade, e, a partir disso, apresentar assuntos emergentes relacionados à temática, seja no ensino ou na pesquisa em

Geografia. Como resultados, evidenciou-se que houve tanto avanços quanto desafios, especialmente aqueles vislumbrados na perspectiva dos referenciais teórico-metodológicos, através de discussões assentadas na relação teoria e prática; na associação pesquisa e ensino; na compreensão de que os componentes físico-naturais do espaço geográfico engloba as dinâmicas sociais; na articulação entre as diferentes escolaridades; na percepção do lugar, da paisagem e da escala como referência para o ensino; e na potencialidade dessas relações para a construção de conceitos e conhecimentos geográficos por meio dessa metodologia.

Palavras-chave: ensino de Geografia; trabalho de campo; professor pesquisador

¹ Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3723-0101>

² Universidade Federal de Goiás (UFG). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1670-0733>



Resumen

Este artículo resulta de la investigación de doctorado defendida en el programa de posgrado en Geografía, del Instituto de Estudios Socioambientales, de la Universidad Federal de Goiás (UFG) por Radtke (2022) y reflexiones resultantes de la investigación postdoctoral realizada en la Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación (UMCE), en Santiago/Chile, por Morais entre 2023 y 2024. La temática central de la tesis fue el trabajo de campo, concebido como metodología de enseñanza y de investigación en Geografía. Para su construcción fue necesario, primeramente, profundizar los conocimientos sobre la historicidad de los trabajos de campo, ubicándolos antes y después de la sistematización de la ciencia geográfica, con la intención de evidenciar sus finalidades de acuerdo con diferentes contextos y momentos de la historia. Esto nos permitió comprender los despliegues de los trabajos de campo en la actualidad, y, a partir de esto, presentar temas emergentes relacionados a la temática, sea en la enseñanza o en la investigación en Geografía. Como resultados, se evidenciaron tanto avances como desafíos, especialmente aquellos vislumbrados en la perspectiva de los referenciales teórico-metodológicos, a través de discusiones basadas en la relación teoría y práctica; en la asociación investigación y enseñanza; en el entendimiento de que los componentes físico-naturales del espacio geográfico abarcan dinámicas sociales; en la articulación entre diferentes escalidades; en la percepción del lugar, el paisaje y la escala como referencia para la enseñanza; y en la potencialidad de estas relaciones para la construcción de conceptos y conocimientos geográficos a través de la metodología.

Keywords: Armero; social science competencies; geography teaching; teaching for understanding; risk manage-

Palabras clave: Armero; competencias en ciencias sociales; enseñanza de la geografía; enseñanza para la comprensión; gestión del riesgo

Abstract

This article results from my doctoral research defended at the Post-Graduation Program in Geography of the Socio-environmental Studies Institute, at Federal University of Goiás (UFG) for Radtke (2022) and reflections resulting from postdoctoral research developed at the Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación (UMCE), in Santiago/Chile, by Morais between 2023 and 2024. Central thematic of this doctoral was field research, conceived as both teaching and research methodology for Geography. To develop it, initially, it was necessary to deepen the knowledge about the historicity of field research, situating it before and after the systematization of the Geographic Science, due to evince its purposes according to different contexts and historic moments. This allows us to comprehend the ramifications of field research nowadays, and, based on that, present emergent issues related to the thematic both in teaching and research of Geography. As results, it was evinced that there were advances, but also challenges, especially those shimmered at the perspective of theoretic-methodologic references, through discussions seated on the practical and theoretical relation; on the association of research and teaching; on the understanding that the physical-natural components of geographic space encompass social dynamics; on the articulation between different scales; in the perception of place, landscape and scale as a reference to teaching; and on the potentiality of those relations to the construction of concepts and geographic knowledge throughout this methodology.



Introdução

Neste artigo apresentamos os resultados de parte da pesquisa de doutorado, desenvolvida no período de 2017 a 2022, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás (PPGEO/IESA/UFG) e reflexões resultantes da investigação de pós-doutorado desenvolvida entre 2023 e 2024 na Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación (UMCE) em Santiago/Chile. A temática central dessas investigações foi o trabalho de campo, concebido como metodologia de ensino e de pesquisa na Geografia, tendo como foco as reflexões acerca de seu desenvolvimento na Educação Básica e na academia no território brasileiro. Neste sentido, tornou-se fundamental analisar o que vem sendo discutido sobre essa temática, nos tempos atuais, mas, também, analisar e refletir sobre o que diz a historicidade e os métodos dessa ciência sobre os trabalhos de campo na Geografia. Acreditamos que reconhecer esse caminho, no que tange a seus avanços, desafios e fragilidades, é importante para compreendermos como os trabalhos de campo foram concebidos na Geografia, tanto aqueles desenvolvidos em períodos anteriores quanto os que são produzidos atualmente.

Ao refletirmos sobre os trabalhos de campo, no contexto do ensino e aprendizagem em Geografia, percebemos a necessidade de essa metodologia estar assentada na perspectiva de proporcionar a construção de conhecimentos geográficos fundamentais aos estudantes, portanto, tendo como foco a aprendizagem geográfica conforme pontua Morais e Garrido Pereira (2024). Para isso, foi necessário refletir tanto sobre problemáticas históricas como atuais, no que se refere aos trabalhos de campo, surgindo alguns questionamentos, como: quais as principais discussões teórico-metodológicas que subsidiam o debate sobre a importância dos trabalhos de campo na historicidade geográfica? Quais os efeitos das suas contribuições para a construção e sistematização da ciência geográfica? Quais avanços e desafios foram encontrados no desenvolvimento dos trabalhos de campo na trajetória geográfica? Como os trabalhos de campo foram e são concebidos em diferentes perspectivas geográficas? Quais as contribuições teórico-

metodológicas sobre o trabalho de campo na pesquisa geográfica? E no campo do ensino de Geografia? Quais avanços são necessários para o desenvolvimento dos trabalhos de campo no ensino em Geografia, na contemporaneidade?

Assim, na primeira parte deste artigo, refletimos sobre o reconhecimento necessário da historicidade dos trabalhos de campo na Geografia, situando-os antes e após a sistematização dessa ciência, evidenciando suas finalidades e sua valorização de acordo com diferentes momentos da história. Neste contexto, é preciso refletir sobre os conhecimentos construídos ao longo da historicidade dos trabalhos de campo e a maneira como essa trajetória influencia o seu desenvolvimento atualmente, a fim de avançarmos teórico-metodologicamente e contribuirmos para um melhor desenvolvimento dessa metodologia no ensino de Geografia.

Na segunda parte, após esse resgate histórico, contextualizamos e refletimos sobre os principais temas emergentes abordados nos trabalhos de campo ou no âmbito geral do ensino de Geografia, os quais consideramos fundamentais para o desenvolvimento efetivo desta metodologia na Geografia Escolar, com o foco de compreender suas potencialidades e fragilidades no processo de ensino e aprendizagem geográfica. Como resultado, encontrou-se discussões assentadas em seis grandes temas: i. relação teoria e prática; ii. teoria e método, no desenvolvimento de trabalhos de campo na área das ciências sociais (Alentejano e Rocha-Leão, 2006; Serpa, 2006; Morais e Garrido Pereira, 2024); iii. indissociabilidade entre componentes físico-naturais do espaço geográfico e as questões de ordem social (Morais, 2011; Morais e Lima, 2018); iv. articulação entre diferentes escalas (Lacoste, 2006; Morais e Garrido Pereira, 2024); v. desenvolvimento do ensino de Geografia com base no lugar e na paisagem (Cavalcanti, 2005; Callai, 2010) e acrescentando a esses dois conceitos o de escala (Morais e Garrido Pereira, 2024); vi. construção de conhecimentos geográficos como objetivo central da sua realização (Alentejano e Rocha-Leão, 2006; Souza, 2009; Morais e Lima, 2018; Borges, 2018; Sacramento e Souza, 2018; Morais e Garrido Pereira, 2024).

Com essa pesquisa, percebemos que algumas dessas discussões já são bastante conhecidas, quando se discute os trabalhos de campo, mas outras parecem negligenciadas no



desenvolvimento de muitos trabalhos de campo para o ensino e para as pesquisas geográficas. Dessa forma, nesse artigo, busca-se colaborar para a formação de novas reflexões teórico-metodológicas acerca do tema.

A historicidade e os métodos geográficos nos trabalhos de campo

A ciência geográfica sempre contou com a tradição dos trabalhos de campo, mobilizando as observações como base de seus estudos. Realidade não tão diferente da atual, visto que eles ainda são bastante utilizados, embora possam apresentar objetivos, instrumentos e aportes teórico-metodológicos diferentes daqueles utilizados por Humboldt e Ritter em suas viagens continentais, por exemplo. Os objetivos eram outros. O próprio objeto de estudo da Geografia foi percebido de forma diferente ao longo do tempo, inclusive na sua consolidação enquanto ciência. Ainda assim, o trabalho de campo continua sendo fundamental em diversas pesquisas geográficas.

Moraes (1989), ao tratar sobre a particularidade histórica da Alemanha na gênese da sistematização geográfica, nos apresenta Humboldt e Ritter como pensadores que dão impulso inicial a esse processo de sistematização. A despeito de esses autores serem considerados responsáveis pela institucionalização da Geografia, a historicidade desse campo do conhecimento, bem como os trabalhos de campo, não se inicia nesse momento.

Moreira (2009) aponta que a Geografia que nós conhecemos na atualidade teve início no século XX, mas que Estrabão (64 a.C) seria o seu criador. Em suas obras, Estrabão descreve a cultura e os aspectos geográficos da época, valorizando temas sobre o homem, a terra, a vida e a felicidade. Esses temas, para Moreira, tramam as relações existentes nos modos de vida no espaço e no tempo. Sendo assim, a Geografia existiria antes mesmo de sua sistematização.

Na Antiguidade a Geografia existia a partir dos viajantes que observavam e exploravam a Terra. Sobre esse assunto, poderíamos adentrar em várias épocas da história e refletir sobre a construção dessa ciência (Sousa Neto, 2001; Moreira,

2009), e relacionar essa construção com o papel dos trabalhos de campo na produção do conhecimento geográfico, mas acreditamos que isto seja tema para outro artigo.

Não devemos considerar como ponto de partida apenas a institucionalização da Geografia, pois estaríamos criando a falsa impressão da sua inexistência em períodos anteriores (Sousa Neto, 2001). Neste sentido, destaca-se o reconhecimento dos trabalhos desenvolvidos anteriormente à sistematização da Geografia e à sua importância dentro da historicidade desta ciência. Entretanto, além de reconhecer a importância dos viajantes na perpetuação dos trabalhos de campo como meios de observações e descobertas, destacamos a importância de dois estudiosos que marcam a relação, de forma mais direta, entre a Geografia – desde o processo de sistematização até a atualidade – e os trabalhos de campo enquanto metodologia de pesquisa, ou seja, como momentos situados para além da mera observação contemplativa. São eles Humboldt e Ritter, pensadores clássicos da Geografia com vínculo histórico reconhecido com a ciência geográfica e com a sua sistematização.

Alexander Von Humboldt, devido às suas contribuições geográficas significativas, - ao considerar a espacialidade na explicação dos fenômenos naturais - foi considerado o pai da Geografia Moderna, e um importante influenciador das ideias geográficas da sua época e que são, até hoje, analisadas por muitos geógrafos que buscam entender a epistemologia dessa ciência. Já Karl Ritter é reconhecido por centrar suas atenções com mais ênfase ao Homem do que a Terra, isto por causa de sua formação mais filosófica, mas, sobretudo, em virtude da sua profissão e dedicação voltadas ao ensino de Geografia e à formação de profissionais na área (Capel, 1981a).

Capel (1981a) aponta o método comparativo, utilizado por Humboldt em suas investigações, como um passo decisivo para a sistematização da Geografia. Esse método, devido às circunstâncias da época, era praticado através de grandes viagens exploratórias, as quais visavam à observação de diferentes paisagens do globo. Por conseguinte, os dados gerados ali seriam comparados e analisados conforme suas características, similaridades e diferenças.

Humboldt (1979), em seu texto sobre a descrição física do mundo, apresenta uma Geografia Física preocupada em



investigar as regularidades dos fenômenos dentro de suas aparentes variações por meio do exercício do pensamento combinado com as observações. Da mesma forma, Ritter não visualizava suas propostas metodológicas separadamente das observações em campo. Para Capel (1981b) as cinco regras fundamentais do método científico-geográfico, criadas por Ritter, tinham como preocupação central a de promover a ciência geográfica ao mesmo tempo em que se esforçava para introduzi-la em um método.

Ritter (1979) acreditava em uma Geografia que, além de classificar e descrever, se preocupava com as relações e as leis gerais que poderiam convertê-la em uma ciência. Uma das cinco leis de Ritter tratava da necessidade de atuar de observação em observação, e não ir a campo já com uma hipótese ou opinião formada, já que, para Ritter, é da observação que advêm os dados científicos, sejam eles de caráter geográfico ou natural (Capel, 1981b). Dessa forma, podemos perceber que os trabalhos de campo, intrinsecamente ligados ao ato de observar, também são reavaliados na atualidade, avançando no debate ao se colocar o trabalho de campo como uma metodologia que visa ir para além do observar, classificar e descrever as paisagens, conforme pontua Moraes e Garrido Pereira (2024). Segundo esses autores,

Para que essa metodologia contribua para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos estudantes, defende-se a ideia de que o trabalho de campo é processo, ou seja, mais que identificar e classificar, ele busca compreender a origem e os desdobramentos dos fatos, fenômenos e objetos discutidos no trabalho de campo.

Humboldt e Ritter tinham a preocupação em gerar um conhecimento efetivo dos espaços observados da Terra, que sempre foi uma inquietude da humanidade, ainda mais para a época. Segundo Moraes (1989), essa consciência mundializada foi o patamar fundamental da sistematização da Geografia, a qual foi possível também pela expansão marítima e pelos descobrimentos, os quais tiveram papel fundamental e ativo no processo de transição do Feudalismo para o Capitalismo. Tanto Humboldt quanto Ritter, assim como outros estudiosos, realizavam viagens na Europa, e inclusive na América, para aprofundar seus estudos. Essa busca pelo conhecimento estava ligada, comumente, ao

conhecimento exploratório advindo dos trabalhos de campo.

Ainda, segundo Moraes (1989, p.20), a Geografia enquanto disciplina se articulava na “busca pela relação teórica entre a unidade da superfície terrestre e a diversidade dos lugares”, mas, para que a Geografia moderna viesse a ser formulada era necessária que a discussão fosse referendada em um pensamento filosófico e científico. Entende-se, portanto, que as contribuições de Humboldt e Ritter processam-se através do desenvolvimento de categorias e leis teóricas embasadas nas experiências dos trabalhos de campo.

Nos referenciais geográficos atuais, existe a defesa e o reconhecimento do trabalho de campo como metodologia eficiente na produção da ciência geográfica e, conseqüentemente, na prática de ensino em Geografia. Por isso, faz-se necessário apresentar e entender o papel dos trabalhos de campo na construção da Geografia enquanto ciência, visto que as informações e dados coletados pelos viajantes não serviram somente de base para a construção do conhecimento geográfico, mas também para o próprio entendimento do que concebemos como trabalho de campo em Geografia na atualidade.

Todavia, há que se destacar que os trabalhos de campo não tiveram sua devida valorização ao longo da historicidade geográfica. Todos esses momentos históricos, que retratam a importância dos trabalhos de campo na Geografia, quase se perderam em determinado tempo histórico, pois foram desvalorizados nas práticas geográficas, a partir dos anos 1970, devido à hegemonia da Geografia Teorético-Quantitativa “sob o argumento de que as tecnologias da informação e os modelos matemáticos seriam instrumentos mais adequados para a investigação da realidade” (Alentejano & Rocha-Leão, 2006, p. 55).

A Geografia Teorético-Quantitativa sofreu forte influência da Filosofia Positivista. Esta corrente foi conhecida por trazer profundas modificações teóricas e metodológicas nas ciências e no emprego maciço das técnicas matemático-estatísticas, tanto na Geografia como em outras áreas; logo, os trabalhos de campo foram dando espaço a outras formas de manipulação das informações, através de novas técnicas e de instrumentos mais sofisticados.

Nesse sentido, sem deixar de considerar a importância dada à época ao princípio de verificabilidade, no qual se propunha



uma ciência com métodos apropriados e de critérios rigorosos de avaliação, essa perspectiva buscava que a Geografia, assim como as demais áreas de humanas, se adequasse aos termos positivistas do que seria uma “verdadeira ciência” (Camargo & Reis Junior, 2007).

Além dessa perspectiva teórico-metodológica, a Geografia Crítica também apresentou uma crítica ao empirismo geográfico, atingindo diretamente o trabalho de campo. E, segundo Alentejano e Rocha-Leão (2006), houve uma

[...] radicalização crítica ao empirismo dominante na Geografia tradicional que levou a uma negação da validade do trabalho de campo como instrumento de construção do pensamento geográfico, em função da ênfase conferida à teoria (Ibidem, 2006, p. 55).

Ainda que a vinculação do trabalho de campo ao empirismo tenha afastado alguns autores defensores da Geografia Crítica das discussões e da mobilização dessa metodologia em suas investigações, outros ainda mantiveram essa metodologia, todavia situada em outros moldes, a exemplo de Lacoste (2006) e Kayser (1978), ao defender que os resultados do trabalho de campo deveriam retornar à comunidade onde foram obtidos os dados da investigação. Ressaltaram, dessa forma, o compromisso social do trabalho de campo (Morais e Garrido Pereira, 2024).

Embora haja períodos da história em que os trabalhos de campo tiveram menor ênfase, eles não se perderam ao longo do tempo; pelo contrário, sua importância na atualidade ganha cada vez mais reconhecimento, inclusive na área do ensino de Geografia, na qual são vistos como fundamentais ao processo de ensino e aprendizagem do estudante (Radtke, 2022; Morais e Garrido Pereira, 2024).

Outro ponto a destacar é que, como apontado anteriormente, os trabalhos de campo já foram vistos como o próprio método geográfico, ou seja, não existia Geografia sem trabalho de campo. Este fato até passa a ser mais ou menos acreditado em diferentes épocas da história e por diferentes correntes da ciência. Porém, apesar de o trabalho de campo ser uma importante metodologia para os geógrafos quando articulado à teoria, compreendemos que não há produção de conhecimento sem método, visto que os “instrumentos” são apenas meios de trabalho. Posto isso, os trabalhos de campo precisam ser explorados numa

perspectiva de que não é suficiente um “mero exercício de observação da paisagem, mas partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos” (Alentejano & Rocha-Leão, 2006, p.57).

Nesse sentido, cabe ressaltar a problemática e o papel do método científico no desenvolvimento da metodologia. Suertegaray (2002) apresenta a relação entre alguns métodos e os trabalhos de campo, considerando os diferentes contextos históricos e metodológicos. Para tanto, a autora explica que,

[...] no método positivista, tão conhecido nosso, o campo (realidade concreta) é externo ao sujeito. O conhecimento/a verdade está no objeto, portanto no campo, no que vemos. No método neopositivista o campo como realidade empírica é externo ao sujeito. Agora, nesta perspectiva, o campo como realidade externa é uma construção do sujeito (Suertegaray, 2002, p. 2).

Segundo a autora (2018), o trabalho de campo, na perspectiva teórico/metodológica positiva, é visto como um instrumento técnico que serve para a coleta de dados e informações, admitindo que é o empírico que determina o pensamento.

Já, para a dialética, a pesquisa pressupõe intervenção e, por isso, a “pesquisa de campo” seria o conhecimento construído através da vivência em transformação. Ressalta-se que a Dialética foi pouco utilizada, especificamente, no campo da Geografia Física. Assim sendo,

[...] no método dialético, o campo como realidade não é externo ao sujeito, o campo é uma extensão do sujeito, como é numa outra escala a ferramenta para trabalhar uma extensão do seu corpo, ou seja, a pesquisa é fruto da interação dialética entre sujeito e objeto (Suertegaray, 2002, p. 2).

A autora segue explicando que, no método dialético,

[...] o objeto reconstrói o sujeito na medida que lhe permite a reflexão, a elaboração, a reformulação e o conhecimento de proposições, ou seja, direciona seu caminho de investigação e a tomada de decisão. Trata-se, portanto, de uma relação dialética de interação onde, ao mesmo tempo que o objeto



(investigado) reconstrói o sujeito, é também ele (o objeto) construído/reconstruído pelo sujeito. A construção do conhecimento, então, não está, de um lado, nem no objeto, nem no conhecimento (idealizado) do outro. Surgiria da relação entre eles, ou melhor, resultaria do processo (Suertegaray, 2018, p. 110).

Nesse sentido, a autora pontua que, para desenvolver-se os trabalhos de campo na pesquisa, é necessário considerar a articulação sujeito e objeto, observador e observado; a reestruturação do sujeito; a articulação de diferentes níveis escalares; e a interpretação da realidade e a reestruturação do objeto. Ainda se referindo aos diferentes métodos, ela apresenta que,

[...] no método fenomenológico, o campo é a expressão das diferentes leituras do mundo. É o lugar (da observação e da sistematização) do olhar do outro - daí o método fenomenológico dizer da necessidade de se colocar no lugar de. Negando o positivismo, este método não separa sujeito e objeto. Na compreensão da hermenêutica, o campo é a interação do sujeito no seu caminhar e pensar com o objeto. O sujeito como ponto de partida do conhecimento promove, a partir de sua vivência, a ação que desencadeia o processo de conhecimento e (re)construção do mundo (Suertegaray, 2002, p. 2).

A autora salienta, dessa forma, que os diferentes métodos encaminham formas distintas de pesquisa e elas, por sua vez, irão expressar diferentes Geografias. Ainda nessa direção, consideram-se que os pressupostos do trabalho de campo se assentam nas discussões sobre teoria, método e construção do conhecimento geográfico, conforme Serpa (2006). Para esse autor, teoria e método são inseparáveis no trabalho de campo, já que ele serve como base para a pesquisa e para a produção do conhecimento geográfico. A teoria e o método se tornam, portanto, elementos integrados na prática de trabalhos de campo. Não obstante,

[...] ressaltar a importância do trabalho de campo na Geografia não significa pregar a volta ao empirismo descolado da perspectiva de teorização, ao contrário, conceitos, teorias e procedimentos metodológicos devem constituir uma unidade orgânica e coerente no desenvolvimento dos

trabalhos de pesquisa dos geógrafos (Serpa, 2006, p.21).

Dessa forma, é necessário frisar que, apesar de Humboldt e Ritter serem importantes geógrafos de sua época, seus trabalhos de campos tinham objetivos e, conseqüentemente, metodologias diferentes dos que temos na atualidade. Enquanto para eles era necessário conhecer o globo em sua totalidade e criar leis gerais através da observação da paisagem, atualmente é preciso ir além “da leitura funcional das paisagens como procedimento metodológico do trabalho de campo em Geografia, já que nem sempre a realidade visível esclarece completamente o que de fato acontece no espaço” (Serpa, 2006, p.6).

No que tange às contribuições dos trabalhos de campo para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, cabe destacar, também o papel relevante desenvolvido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), ao promover assembleias e trabalhos de campo nas cidades onde eram realizados seus eventos; o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao promover trabalhos de campo no território nacional; bem como o papel de destaque desempenhado por geógrafos como Léo Waibel e Francis Ruellan (Moraes e Garrido Pereira, 2024).

Neste contexto, sabemos que os trabalhos de campo foram empregados em áreas diversas, com objetivos, teorias e métodos diferentes ao longo da historicidade da ciência geográfica e da própria evolução desta metodologia. Fica claro, também, que existem diferenças nos objetivos em realizar o trabalho de campo voltado à pesquisa e aquele voltado ao ensino, entre aquele desenvolvido na educação superior e aquele direcionado à educação básica, bem como é diferente seu desenvolvimento na Geografia em relação aos demais campos do conhecimento científico, tendo em vista que buscam atingir diferentes objetivos. Assim, após compreendermos aspectos da “unanimidade” de muitos pensadores e pesquisadores, ao longo da história, em relação à importância do desenvolvimento dos trabalhos de campo na construção do conhecimento, também se destaca a necessidade de refletir sobre o que é necessário avançar teórico-metodologicamente ao considerarmos os progressos contemporâneos no âmbito geográfico.

Para isso, sistematizamos, a seguir, os principais temas e problemáticas identificadas em referenciais teórico-metodológicos que tratam sobre trabalhos de campo, nos



diferentes campos do conhecimento geográfico, seja no campo da pesquisa ou no ensino de Geografia, seja no seu desenvolvimento ao longo da história ou de reflexões mais atuais sobre o ensino de Geografia.

Os trabalhos de campo no ensino e na pesquisa em Geografia: temas emergentes

Como apresentado até o momento, o trabalho de campo como metodologia da pesquisa geográfica possui objetivos diferentes, em épocas diferentes, com pensadores diferentes e em âmbitos diferentes das ciências sociais. Entretanto, compreendemos que todas essas modalidades precisam ser consideradas e discutidas, pois, como visto até o momento, são vários os aspectos, em comum, observados de forma positiva no desenvolvimento dos trabalhos de campo, como é o caso do seu potencial investigativo e de pesquisa, consentidos pela gama de autores apresentados nas discussões anteriores - e a seguir - deste artigo. Esses aspectos dos trabalhos de campo, portanto, não podem ser perdidos durante o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na escola.

Dessa forma, faz-se necessário adentrar no âmbito das preocupações existentes sobre os trabalhos de campo nas pesquisas geográficas. Existe, no contexto das pesquisas geográficas de nível de pós-graduação, certo abandono dos trabalhos de campo como prática de investigação, mas não da sua utilização como prática em si, segundo Pires do Rio (2011).

Após analisar alguns artigos publicados em periódicos dedicados aos trabalhos de campo, a autora percebe a falta de investigações dessa prática, uma vez que a maioria se detém apenas na definição de roteiros de observações. Segundo Pires do Rio (2011, p.12, grifo nosso),

[...] Embora represente esforço considerável de didática e sistematização, **nenhum daqueles trabalhos apresenta enfrentamento do objeto de pesquisa**. Ao contrário, o ponto de partida mobiliza um conjunto de conhecimentos, ferramentas e procedimentos que alimentam narrativas, descrições e roteiros, mas **não**

evidencia que a realização do trabalho de campo comporta a construção do dado de interesse. Os objetivos e justificativas para sua realização são claros, porém o campo, ao contrário, **não é apresentado como parte do conhecimento** para a compreensão nem como experiência de algum modo desconcertante, envolvendo os imponderáveis da vida social que, na perspectiva antropológica, são sempre valorizados.

Essas pesquisas frisam a importância dos trabalhos de campo, mas não os dá importância de fato. As teses e dissertações utilizam os trabalhos de campo apenas para localização, referência ou como lugar de realização das entrevistas. “O como, o porquê e quando se deu a realização não integram os elementos mobilizados para a construção do objeto, ou ainda, o campo em nada contribui para a objetividade da análise”, pois ela é assegurada pelos procedimentos em laboratório (Pires do Rio, 2011, p. 12).

É neste sentido que a autora ressalta a importância de recuperar os guias de excursões publicados em anais de eventos, não para utilizá-los como dogma, mas sim para ressignificá-los num sentido de (re)construção da pesquisa na Geografia. Assim, para além de valorizar as descobertas feitas, é preciso compreender o que os cientistas fazem. Ela também aponta para a ausência de pensar o trabalho de campo para a construção do objeto e do conhecimento geográfico, em que, de maneira inconsciente, pressupõe-se que o campo, em si, é a própria Geografia. Além disso, pensar o trabalho de campo como o próprio método da Geografia é ignorar por completo a tradição dessa metodologia em outras áreas das ciências sociais, uma vez que ela não é exclusividade da ciência geográfica.

Além disso, em consonância com os autores Alentejano e Rocha-Leão (2006), Serpa (2006), Lacoste (2006) e Moraes e Garrido Pereira (2024), acreditamos que é preciso relacionar teoria e prática no trabalho de campo, seja reconhecendo uma abordagem teórico-metodológica, seja na relação que se estabelece entre teoria geográfica, pesquisa e ensino. Aqui, o trabalho de campo seria uma prática indispensável no processo pedagógico, desde que não distanciado da teoria e da pesquisa.



É necessário ressaltar que, quando se trabalha na perspectiva do trabalho de campo no ensino de Geografia, faz-se importante compreender a relação intrínseca desse com a pesquisa. Segundo Demo (2006), a pesquisa é um princípio educativo, ou seja, não existe educador que não seja pesquisador, ao menos não deveria, pois, um professor deve sempre buscar novas formas, metodologias e embasamentos teóricos para as suas aulas.

Para Demo (2007), a educação pela pesquisa emprega o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política como um aspecto característico da pesquisa, que por sua vez, deve se tornar um ambiente didático cotidiano tanto para o professor quanto para o estudante. Todavia, para isso é necessário desfazer a ilusão de que a pesquisa é coisa especial e de gente especial. Dessa forma, o professor não é o único sujeito na pesquisa, pois o estudante também é sujeito desse processo, possibilitando-o uma formação crítica, criativa e com autonomia.

Os trabalhos de campo sempre foram reconhecidos por suas possibilidades investigativas, ao proporcionarem um espaço para trabalhar “o olhar de pesquisador” do geógrafo. Portanto, durante o processo de ensino e aprendizagem, essa dinâmica não poderia ser diferente, pois o trabalho de campo torna-se um momento em que “todas as pessoas são convidadas a fazer ciência” (Baitz, 2006, p. 41), ou seja, a fazer pesquisa e, nesse caso, aprender a partir do olhar geográfico. Assim, não compreendemos como pesquisa somente aquela realizada pelo pesquisador na universidade, mas todo o ato de fazer ciência, mesmo na escola.

No que tange a essas reflexões, consideramos importante entender que os trabalhos de campo e a pesquisa devem ser vistos, aqui, como processos interligados e inseparáveis. Entretanto, trabalho de campo para a pesquisa geográfica e o trabalho de campo como procedimento de ensino são processos distintos, com objetivos e perspectivas diferentes, mesmo que alguns procedimentos e preocupações sejam semelhantes.

Na perspectiva de Ensinar pela Pesquisa, é importante refletir sobre o papel do professor pesquisador. Segundo Klug et. al (2015), o professor pesquisador possibilita a tomada de consciência de que a Geografia está no cotidiano do estudante, sendo ele capaz de desenvolver um olhar crítico e questionador da sua realidade. Portanto, a “postura do professor pesquisador, e a pesquisa como metodologia de

ensino, [são] faces de uma mesma concepção teórico-metodológica” (Klug et. al, 2015, p. 75).

Nesta mesma direção, ao tratar sobre o ensino geográfico pela pesquisa, Santos (2015), o caracteriza pela sua ação cognitiva. Ao se embasar nas teorias de Cavalcanti (2014), o autor aponta que essa ação cognitiva se fundamenta na relação entre problematização, sistematização e síntese, que, por sua vez, deve ser mediada pelo professor. Dessa maneira, as aulas de Geografia que buscam o ensino pela pesquisa têm como referência “a investigação de problemas, tendo como instrumentos o levantamento bibliográfico, a observação, a entrevista, o questionário, dentre outros” (Santos, 2015, p. 8). Nesse contexto, o autor também alerta sobre a importância da construção de conceitos geográficos nesse processo, pois eles são uma importante dimensão da estruturação do pensamento geográfico. O ensino pela pesquisa se torna, dessa forma, uma possibilidade de interação entre tais conhecimentos e a realidade do estudante.

Desenvolver trabalhos de campo na Geografia, pautando-se no ensino pela pesquisa, requer a formação de um professor capaz de mobilizá-la como atitude cotidiana do estudante, de investigação da própria realidade, através da problematização e da construção de conceitos. Quando propósitos como esses não são objetivados nos trabalhos de campo torna-se um risco a sua banalização no processo de ensino e aprendizagem. Um exemplo de banalização é a sua utilização como passeio, onde a mediação teoria e prática é substituída por momentos empíricos (Alentejano e Rocha-Leão, 2006). Como passeio, os trabalhos de campo estão longe da pesquisa ou de uma mediação didática adequada. Morais e Garrido Pereira (2024) defendem a tese de que o trabalho de campo é instrumento mediador da aprendizagem ao potencializar, por intermédio do professor, o desenvolvimento do pensamento geográfico na academia e na Educação Básica.

Outro aspecto importante e bastante discutido na atualidade está relacionado a uma visão fragmentada da ciência geográfica na qual ressalta-se o diálogo acerca da dicotomia Geografia Física *versus* Geografia Humana. É fundamental que o professor-pesquisador tenha um olhar integrado do espaço geográfico e possibilite a construção de conhecimentos não fragmentados aos estudantes, favorecendo o desenvolvimento do pensamento geográfico.



Uma dessas alternativas, aliada ao conhecimento profissional, é o uso de diferentes metodologias a exemplo do trabalho de campo.

Acreditamos, portanto, na importância dos trabalhos de campo na produção de conhecimentos geográficos como metodologia chave para a superação da análise do espaço geográfico de forma fragmentada. No trabalho de campo é possível realizar, de forma integrada, a análise de componentes físico-naturais e sociais para a compreensão do espaço geográfico como uma totalidade indissociável. Neste contexto, problemáticas de diferentes naturezas poderiam ser evidenciadas e, na sua discussão, componentes de diferentes ordens seriam mobilizados.

Entendemos que o espaço geográfico está longe de ser fragmentado. Ele é, na verdade, segundo Santos (2009, p.63), um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, em que os sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. Logo, um processo de ensino que não preveja a integração desses componentes refletirá essa fragmentação em seu trabalho com os conteúdos de Geografia, o que, por sua vez, irá refletir na forma como ocorre a construção de conhecimento geográfico por parte dos estudantes.

Esse pensamento fragmentado é consequência, também, de como se deu a sistematização e construção da ciência geográfica. Mendonça (2014), no seu livro “Geografia Física: Geografia Humana?”, traz reflexões sobre o papel e a importância de compreender a natureza dentro da Geografia, ou seja, estudar a natureza como ciência humana dentro da Geografia. Para o autor, a Geografia é a única das ciências humanas a estudar os aspectos físicos do espaço, o que leva à existência dessa dificuldade epistemológica e metodológica, principalmente, porque a Geografia é proliferada pelos trabalhos atuais que realçam essa dicotomia.

Em consonância a tais informações, tem-se que o desafio ambiental da atualidade é, justamente, o de questionar a dominação da natureza e tudo o que ela significa, ou seja, não só a dominação da natureza, que vem de uma visão naturalizada e fragmentada, mas de todos os sujeitos que foram submetidos a ela, os indígenas, negros, mulheres, africanos entre outros, que também foram dominados, explorados, oprimidos em nome dela (Porto-Gonçalves, 2016).

Na mesma direção de Mendonça (2014) e Porto-Gonçalves (2016), que tratam da superação da fragmentação no âmbito teórico-conceitual da Geografia, destaca-se as produções de Cavalcanti (2005), Castellar (2018), Moraes (2011) e Moraes e Lima (2018), Moraes e Roque Ascensão (2021) que propõem um ensino de Geografia, do conceito de natureza e das questões ambientais numa perspectiva que integra Geografia Física e Humana, natureza e sociedade e, também, componentes físico-naturais e sociais. Partindo dessa visão integrada do espaço geográfico, entendemos que é preciso, portanto, ter clareza do objeto de estudo da Geografia e de como sua construção, historicamente, reflete-se no ambiente escolar e na atuação do professor.

Moraes (2011) e Castellar (2018) apontam para a fragmentação da Geografia no âmbito do processo de ensino e aprendizagem. Elas evidenciam que os docentes apresentam dificuldades em trabalhar os componentes físico-naturais integrados à sociedade. Assim sendo, os próprios estudantes, por consequência, terão dificuldades em compreender a importância que a Geografia possui para compreender a realidade na qual estão inseridos.

Logo, partimos do pressuposto de que, apesar de existirem estudos que valorizem uma iniciativa de superação das dicotomias geográficas, ainda é difícil construir esse pensamento unificado na Educação Básica. Nessa perspectiva, visamos contribuir, também, para um trabalho que desenvolva o movimento de superação dessas fragmentações, uma vez que o trabalho de campo proporciona ao professor o desenvolvimento de atividades mediadoras entre teoria e prática, pesquisa e ensino, componentes físico-naturais e sociais do espaço geográfico que, por sua vez, potencializam o ensino e a aprendizagem em Geografia.

Somando-se a isso, destaca-se que é necessário pensar o desenvolvimento do trabalho de campo por meio dos conceitos geográficos e partindo do diálogo com os conceitos do cotidiano do estudante, ou seja, partir da vivência e do cotidiano do estudante para desenvolver a metodologia. Para Borges (2018, p. 235), o trabalho de campo é “fundamental para a construção dos conceitos geográficos”, visto que ele proporciona



[...] a articulação da teoria e da prática, a percepção da importância do espaço vivido para a aprendizagem, o conhecimento e a preocupação com as problemáticas físico-naturais e sociais do local, e a compreensão de que o conteúdo estudado compõe o currículo escolar e de que é possível estudá-lo em uma escala local.

Para que isto seja possível, o professor deve se preocupar em trabalhar a leitura do espaço adequadamente, ou seja, indo além dos aspectos visíveis da paisagem. Precisamos, portanto, ir além das visões acrílicas e funcionais (Souza, 2009). Acredita-se que os conceitos como lugar, paisagem, escala e território podem produzir análises mais abertas e plurais, pois trabalham com a espacialidade, através de conhecimentos integrados, interdisciplinares e abertos a uma perspectiva mais complexa de compreensão da realidade (Cavalcanti, 2005). Incluímos aqui as atividades de trabalhos de campo, pois proporcionam práticas abertas, integradas e interdisciplinares, além da vinculação com conteúdos e conceitos geográficos. Portanto, reforça-se a importância dessas atividades no campo do Ensino de Geografia.

Dessa forma, percebemos que, dentre as várias possibilidades que a realização de trabalhos de campo permite ao ensino de Geografia, algumas problemáticas emergentes se destacam em meio às reflexões feitas até o momento. Não há dúvidas de que o trabalho de campo proporciona possibilidades de superação das fragmentações geográficas; que potencializa a integração entre teoria e prática, entre pesquisa e ensino; além de ser um importante momento de integração entre os componentes físico-naturais e sociais do espaço. Com o desenvolvimento do trabalho de campo é possível valorizar a vida cotidiana e os problemas da comunidade estudada, articulando as escalas locais e globais, trabalhando o particular e o geral e compreendendo-o como uma importante metodologia para a compreensão dos processos que explicam as formas observadas na paisagem. Ele é fundamental, também, na valorização do local como lugar de referência para o ensino de Geografia, o que potencializa a formação de conhecimentos geográficos, tão fundamentais para um desenvolvimento efetivo do processo de ensino e aprendizagem de Geografia na Educação Básica.

Considerações finais

As reflexões sobre a importância e as transformações do trabalho de campo, ao longo do tempo, se iniciam na medida em que compreendemos a historicidade e o papel que eles tiveram para e na sistematização da Geografia, na construção e na (re)construção do conhecimento geográfico histórico e atual. É fundamental a discussão dessa metodologia para o ensino e para a pesquisa em Geografia, visto que a falta de análise dessa prática prejudica seu desenvolvimento efetivo tanto no âmbito da pesquisa geográfica como no âmbito do processo de ensino e aprendizagem em Geografia.

Além disso, os trabalhos de campo são empregados de maneiras e em áreas diversas, com objetivos, teorias e métodos diferentes, mas que continuam relevantes no contexto histórico dos acontecimentos geográficos. O trabalho de campo é, portanto, uma metodologia que está presente em toda a historicidade da Geografia e que, apesar das transformações ao longo do tempo, não perde – e nem perderá – seu importante papel no desenvolvimento da pesquisa geográfica.

Assim, com a construção do panorama do que foram e do que são os trabalhos de campo para o ensino e pesquisa em Geografia, compreendemos como algumas problemáticas emergentes estão refletindo nas pesquisas atuais, na medida em que avançam teórico e metodologicamente, tanto na ciência geográfica como no âmbito do ensino. Esses referenciais trazem reflexões que apontam para uma grande fragilidade nas pesquisas geográficas atuais devido à ausência da explicitação do papel do trabalho de campo nessas investigações. Já no âmbito do conhecimento escolar, refletem sobre princípios que precisam ser considerados no desenvolvimento dos trabalhos de campo, na pesquisa e no ensino, como potencialidade da relação teoria e prática, local e global, particular e global, componentes físico-naturais e sociais, conhecimento cotidiano e científico, potencializando o processo de ensino e aprendizagem e, por sua vez, a construção de conceitos e de conhecimentos na Geografia escolar.

Referências bibliográficas

Alentejano, P. R. R., & Rocha-Leão, O. M. (2006). Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os



- geógrafos ou um instrumento banalizado? *Boletim Paulista de Geografia - Associação dos Geógrafos Brasileiros*. (84) 51-68.
- Baitz, R. (2006) Pesquisador Implicado. *Boletim Paulista de Geografia - Associação dos Geógrafos Brasileiros*. (84) 25-50.
- Borges, M. T. C. (2018). *A construção de conceitos no Ensino de Geografia por meio do trabalho de campo em bacia hidrográfica*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório UFG. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9023>.
- Callai, H. C. (2010) A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. En Moraes, E. M. B. de., & Moraes, L. B. de. *Formação de Professores: conteúdos no ensino de Geografia*. (p.15-37). NEPEG.
- Camargo, J. C. G., & Reis Junior, D. F. da C.. (2007) A Filosofia (neo)positivista e a geografia quantitativa. En Vitte, A. C (Org.), *Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia*. (p.83-99). Bertrand Brasil.
- Capel, H. (1981a) Humboldt y la teoria de la Tierra. En *Filosofía y ciencia em La Geografía contemporánea. Una introducción a La Geografía*. Barcanova.
- Capel, H. (1981b) Ritter: la naturaleza y la historia. En *Filosofía y ciencia em La Geografía contemporánea. Una introducción a La Geografía*. Barcanova.
- Castellar, S. M. V. (2018) O ensino das temáticas físico-naturais e a formação inicial de professores. En Moraes, E. M. B. de., Alves, A, O., & Roque Ascensão, V. de O (Org.), C&A Alfa Comunicações.
- Cavalcanti, L. de S. (2014) A MetrÓpole em foco no ensino de Geografia: o que/para quem ensinar? En Paula, F. M. de A., Cavalcanti, L. de S. C., & Souza, V. C (Org.), *Ensino de Geografia e metrÓpole* (p. 27-41). Goiânia: Gráfica e editora américa.
- Cavalcanti, L. de S. (2005). Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. *Cad. Cedes*, 25 (66), 185-207. <http://www.cedes.unicamp.br>.
- Cavalcanti, L. de S. (2011). Ensinar Geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico. *Revista da ANPEGE*, 7 (1), 193-203.
- Demo, P. (2007). *Educar pela Pesquisa*. Campinas, São Paulo: Autores associados.
- Humboldt, A. V. (1979). Cosmos, ensayo de una descripción física Del mundo... En: *El pensamiento geográfico*. Alianza.
- Kaiser, B. (2006) O geógrafo e a pesquisa de campo. *Boletim Paulista de Geografia - Associação dos Geógrafos Brasileiros* (84), 93-104.
- Klug, A. Q., Dal Molin, A., & Dias, L. C. (2015). Ensinar pela Pesquisa: A Educação Geográfica e o papel do Professor-Pesquisador. *Revista de Ensino de Geografia*, 6 (11) 65-78. <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/>
- Lacoste, Y. (2006). A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. *Boletim Paulista de Geografia* (84), 77-92.
- Mendonça, F. (2014). *Geografia Física: ciência humana?* Contexto.
- Moraes, A. C. R. (1989). *A gênese da Geografia Moderna* (p. 15-26). Hucitec.
- Moraes, E. M. B. de. (2011). *As temáticas físico-naturais na Geografia escolar*. Universidade de São Paulo.
- Moraes, E. M. B. de., & LIMA, C. V. de. (2018). O trabalho de campo e ensino de Geografia: proposições metodológicas para o ensino dos componentes físico-naturais do espaço na Geografia. En Moraes, E. M. B. de., Alves, A, O., & Roque Ascensão, V. de O (Org.) *Contribuições da Geografia Física para o ensino de Geografia* (p. 101-120). C&A Alfa Comunicações.
- Moraes, E. M. B. de., Garrido Pereira, M. E. (2024). *Trabalho de campo na aprendizagem geográfica: diálogos entre tradição, inovação e identidade*. C&A Alfa comunicação
- Moraes, E. M. B. de., Roque Ascensão, V. (2021). Uma questão além da semântica: investigando e



demarcando concepções sobre os componentes físico-naturais no ensino de Geografia. *Boletim Goiano de Geografia* (41), 1-33.

- Moreira, R. (2009). *O que é geografia?* Brasiliense.
- Sacramento, A. C., & Souza, C. J. de O. (2018). O trabalho de campo para a formação e atuação docente na Educação Básica: realidade e desafios. En Moraes, E. M. B. de., Alves, A. O., & Roque Ascenção, V. de O (Org.) *Contribuições da Geografia Física para o ensino de Geografia*. C&A Alfa Comunicações.
- Santos, L. A. d. (2015). *Ensinar Geografia pela Pesquisa: possibilidades de construção do pensamento espacial pelos estudantes* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório UFG. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4752>.
- Santos, M. (2009). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Serpa, Â. (2006). O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teóricometodológica. *Boletim Paulista de Geografia* (84), 7-24.
- Souza, V. C. de. (2009). *O processo de construção do conhecimento geográfico na formação inicial de professores*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório UFG. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/1152>.
- Sousa Neto, M. F. de. (2011) Geografia nos trópicos: história dos naufragos de uma jangada de pedras? *Terra Livre* (17), 119-138. <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/download/343/325>
- Suertegaray, D. M. A. (2002) Pesquisa de Campo em Geografia. *GEOgraphia*, 4(7), 64-68. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13423>
- Suertegaray, D. M. A. (2018). *Geografia física e geomorfologia: uma releitura*. Compasso Lugar Cultura.
- Radtke, D. T. (2022). *Os trabalhos de campo como aula: potencialidades para a formação do pensamento geográfico na Educação Básica*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório CAPES. <https://sucupira.capes.gov.br>
- Ritter, K. (1970). La organización del espacio en la superficie del globo y su función en el desarrollo histórico. En *El pensamiento geográfico*. Alianza.
- Porto-Gonçalves, C. W. (2016). O desafio ambiental. En (ed.6) *Os porquês da desordem mundial. Mestres explicam a globalização*. Record.
- Pires do Rio, G. A. (2011). Trabalho de Campo na (Re)construção da Pesquisa Geográfica: Reflexões Sobre um Tradicional Instrumento de Investigação. *Espaço Aberto*, 1(1), 07-19.